A Invasão Holandesa – Vitórias de Guararapes

Gen. Raimundo Teles Pinheiro

Aos quatorze de fevereiro de 1630, grande esquadra flamenga com mais de 50 navios, com 1 200 canhões e 7 200 homens, defrontam Olinda, desembarcam tropas na região de Pau Amarelo, um pouco ao norte da cidade, as quais a investiram por terra e, não obstante a heróica resistência de Salvador Azevedo com um punhado de soldados, tomaram-na, fazendo o mesmo em seguida, ao Recife, cujos naturais haviam obstruído a enseada do porto com velhos navios incendiando os trapiches com depósito no valor de 4.000.000 de cruzados, por ordem de Matias de Albuquerque, e retirado para o interior após tanta resistência.

Foram criadas emboscadas e guerrilhas, que se organizaram a meio caminho entre as duas praças conquistadas, no local que se denominou Arraial de Bom Jesus, ao qual acorreram os guerrilheiros já notáveis como Luiz Barbalho Bezerra, Henrique Dias, Filipe Camarão, Lourenço Cavalcante e outros, iniciando-se então uma luta que, com maior ou menor intensidade, duraria de 1630 a 1654, e expulsaria o invasor batavo.

Daí do Arraial de Bom Jesus Matias de Albuquerque, embora com poucos recursos, hostilizou intermitentemente o inimigo, que foi forçado a abandonar Olinda, após incendia-la e concentrou-se no Recife.

Em 1632, Calabar, mameluco disposto e profundo conhecedor da região e dos processos de combate dos patriotas, bandeou-se para o inimigo e, então dilatou-se o domínio dos in-

vasores, com ataques e vitórias fáceis a localidades, seguidas de pilhagem e incêndios.

Nesse período, não podemos omitir a epopéia de Rio Formoso, em que Pedro de Albuquerque, com 20 combatentes e 2 velhos canhões, aos 7 de janeiro de 1633, escreveu uma página épica, resistindo a 600 homens (proporção de 1 para 20), até que só ele e seu parente Jerônimo de Albuquerque que resistiam, feridos e exangues causando profunda admiração e respeito ao inimigo...

Mais tarde caíam Cabedelo em 1634 e os demais arraiais de emboscada em 1635, do Rio Grande do Norte a Porto Calvo e foz do rio São Francisco.

Desprovido de elementos, e de recursos para continuar a resistência, decidiu Matias de Albuquerque retirar-se de Serinhaém, apelando para que o acompanhassem os que desejavam ser fiéis à Pátria e à Religião.

O Conde de Bagnuolo assumiu o comando das tropas restantes e, por dificuldade de unidades regulares, voltou a intensificar o sistema de guerrilhas, em que se distinguiram e se cobriram de glórias: o índio Filipe Camarão, o preto Henrique Dias, o branco Vidal de Negreiros, Dias de Andrade, Sebastião Souto, Rabelinho e outros valentes filhos da gleba invadida e depredada, que levaram a efeito ataques constantes e inquietantes aos holandeses, incursionando até às proximidades do Recife, destruindo tudo após si (política da terra arrasada).

Decorridos 7 anos de reação e lutas constantes os filhos da terra não estavam submetidos ao jugo invasor e este não tinha liberdade de locomoção nas terras conquistadas, porque nas vilas, nos engenhos destruídos e nos caminhos, deparava-se com a morte a cada instante na "ponta de uma flecha ou de uma bala partida de um arco ou mosquete emboscado"...

Entretanto, apesar da repulsa ao invasor, a população, por toda parte, manifestara um desejo velado de paz e harmonia que permitissem o retorno ao trabalho e a propriedade antiga.

E isso ocorreu, aparentemente, com o desembarque do príncipe Maurício de Nassau em Pernambuco no ano de 1637, onde foi recebido por todos como pacificador; governando com justiça e moderação, bem como auxiliando o restabelecimento das atividades agrícolas, pelo que conseguiu pacificar o território até o Rio São Francisco, onde fundou o forte de Penedo; e Bagnuolo retirou-se para a Bahia.

Pelo mar, houve represálias e ataques a Salvador e ao

Recôncavo, que foram repelidos, entretanto, foi ocupado o Ceará após tenaz resistência da brava guarnição de 33 praças comandadas por Bartolomeu de Brito, no dia 26 de outubro de 1637.

Em 1639 chegou à Bahia o Conde da Torre, novo Governador Geral, que passou o ano em preparativos para atacar o grosso das tropas flamengas em Pernambuco; fazendo seguir para lá, por terra e sucessivamente os Contingentes de Dom Filipe de Moura, de Filipe Camarão e de Bagnoulo partindo a esquadra lusa-espanhola a 17 de novembro, que desembarcou um contingente em Alagoas, e prosseguiu a 14 de dezembro, batendo-se com a esquadra holandesa, que partiu de Recife, sucessivamente em Itamaracá a 10 de janeiro, na altura do Cabo Branco a 13, defronte de Cabedelo a 14 e, finalmente, na foz do rio Potengi a 17, onde foram derrotados os luso-espanhóis.

Um contingente de 1 300 homens desembarcados daquela esquadra na baía dos Touros, sob o comando de Luiz Barbalho Bezerra, marchou pelo sertão ínvio lutando contra índios, batavos e contra tudo por 2 400 quilômetros até à Bahia, ombreando-se com os bravos das Termópilas e com os dez mil de Xenofontes, e escreveu na história pátria outra página épica (Luiz Barbalho, Mestre de Campo e nas funções de Governador da Capitania do Rio de Janeiro, faleceu aos 15 de abril de 1644, sendo os seus restos mortais inumados na Capela do Colégio dos Jesuítas, e seu nome perpetuado no granito do Forte do Barbalho, na vetusta Salvador).

Com a notícia da restauração portuguesa, foi no Brasil, reconhecido rei de Portugal D. João IV em fevereiro de 1641, e como a Holanda fazia guerra à Espanha, parecia terminada a luta e foi celebrado um ajuste (18 de junho) entre Portugal e a Holanda pelo qual seriam suspensas as hostilidades por de anos, sendo estipulado no seu artigo 8.º que "nas terras e mares pertencentes ao distrito da Jurisdição concedida pelos Senhores de Ordens Gerais à Companhia da Índia Ocidental (no Brasil e na África) só iam começar a contar em cada lugar desde que aí fosse apresentada a ratificação do tratado", e no 21.º que ficava reconhecido ao Governo Holandês o domínio adquirido pela conquista", e foi assinado um tratado de aliança entre os dois países.

Procedeu-se, então, ao desarmamento e ao embarque para a Europa dos contingentes napolitanos e espanhóis, enquanto se aguardava o embarque dos holandeses.

Nassau, porém, quebrando o ajustado, prosseguiu nas operações e ocupou Sergipe em setembro e o Maranhão em novembro, sob os protestos do Governador-Geral Marquês de Montalvão.

A deslealdade de Nassau calou fundo no ânimo dos luso-brasileiros, fazendo ruir o prestígio e simpatia que granjeara dos nordestinos, que, já também explorados pela ganância dos argentários judeus e cristãos novos do Recife, só pensavam na reação e expulsão dos flamengos.

E surgiu providencialmente Vidal de Negreiros, arguto da idéia de redenção da Pátria brasileira.

E, resumindo, para concluir essa guerra divina.

Em setembro de 1642, os maranhenses, reunidos em torno de Muniz Barreiros e inflamados por Vidal de Negreiros, rebelaram-se, auxiliados pelo Pará, contra os dominadores flamengos e bateram-nos em fevereiro de 1644, forçando-os à retirada para o Ceará e Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo que os índios cearenses, em fins de fevereiro do mesmo ano, trucidaram toda a guarnição holandesa no Ceará. (Enquanto isso, Maurício de Nassau embarcava para a Europa em 22 de maio de 1644 — Paraíba).

Encorajados pela vitória do Maranhão e animados por Vidal de Negreiros — a alma do movimento restaurador — formaram o "Grupo dos Independentes", com o compromisso formal de expulsar os holandeses do Brasil, apesar dos entendimentos, marchas e contramarchas do governo Português que pretendeu atender a pretensão da Holanda, deixando-a com a preciosa posse da terra; e destacando-se Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira e o Governador-Geral Teles da Silva. E seguiram-se as conspirações e preparativos que se sucederam ativamente...

Enviando os holandeses ao interior um destacamento para sufocar o que eles chamavam de insurretos enfrentou-os os Sargento-Mor Dias Cardoso e bateu-os, com a valiosa cooperação de João Fernandes Vieira, no monte das Tabocas, próximo à atual cidade de Vitória de Santo Antão, aos 3 de agosto de 1645. E desencadeou-se a tempestade. Para investir contra Olinda e Recife, os contingentes vitoriosos reuniram-se aos índios de Camarão e Rodela e do preto Henrique Dias; enquanto na Bahia, Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno organizaram dois terços, transportaram-nos por mar, desembarcaram em Tamandaré, ocuparam Serinhaém a 4 de agosto de 1645 e bateram os defensores da região. Do monte das Tabocas, os contingentes reunidos seguiram para incorporarem-se aos de

Vidal de Negreiros no Cabo, para a captura do qual foi destacado Martim Soares Moreno, que o capturou exatamente um mês após a retumbante vitória do monte das Tabocas, aos 3 de setembro, cooperado por Vidal de Negreiros (observe-se que o Mestre de Campo Martim Soares Moreno — o fundador do Ceará — trabalhou e lutou no Brasil durante 46 anos de serviços ao Rei, à Pátria e à Fé, até recolher-se a Portugal em 1648, em conseqüência da avançada idade e dos achaques da vetustez. Merece ele todo o nosso respeito, reconhecimento e consideração).

E a tempestade se desencadeou por toda parte, sendo o flamengo batido sucessivamente na Paraíba a 11 de setembro, em Alagoas a 18 e 19 de setembro, em Olinda a 20 de setembro e no Rio Grande do Norte em outubro.

Os nossos estabeleceram, um pouco ao sul do primeiro, novo Arraial de Bom Jesus em 1646, de onde continuaram a hostilizar os holandeses circunscritos novamente à área do Recife. A partir de 1648 entrou-se na fase decisiva da luta libertadora, depois do fracasso dos flamengos sobre Penedo a ilha de Itaparica...

Teles da Silva foi substituído por Teles de Meneses no Governo-Geral e o Mestre de Campo Barreto de Meneses, com um reforço de 300 homens, foi enviado a Pernambuco para o comando geral das Forças.

A 19 de abril desse ano, Barreto de Meneses informado de que Forças de Van Scoopy marchavam para o sul, precedeu-os nos montes Guararapes bateu-os após violenta batalha, graças à bravura reconhecida e comprovada de Vidal de Negreiros, Filipe Camarão, Henrique Dias, João Fernandes Vieira e Dias Cardoso (Tiveram 84 mortos e 400 feridos de 2 500 combatentes, enquanto os orgulhosos flamengos de 7 400 combatentes, além da derrota completa, tiveram 1 200 mortos, 523 feridos, 180 oficiais mortos, feridos ou aprisionados e grande cópia de ricos despojos de guerra).

Com essa tremenda derrota, o flamengo passou a agir com mais prudência em terra, redobrando, porém, o esforço pelo mar: assolou o litoral da Bahia sem vantagens, e novamente ocupou o Ceará, onde Matias Beck lançou os fundamentos da nossa Fortaleza de N. S. da Assunção aos 10 de abril de 1649.

Reunido o Conselho no Recife, opinaram que seria de bom proveito uma diversão contra o Rio de Janeiro, pois, embora não conseguissem assenhorear-se da cidade, poderiam reco-

lher despojos e pilhar fazendas e engenhos circunvizinhos; e decidiram, também que convinha fazer um esforço para levantar o sítio do Recife e seguir para o Sul. E com esse objetivo, procurando aliviar cada vez mais o apertado cerco da cidade Maurícia, deixaram-na em 18 de fevereiro de 1649, repeliram pequeno posto da Barreta e seguiram para o sul pela estrada que conduz aos montes Guararapes.

Barreto de Meneses informado do fato seguiu-os e, no fim da jornada, tomou contato com os holandeses nos citados montes Guararapes, que estavam na mesma posição em que se encontravam nossas Forças em 19 de abril do anterior ano de 1648.

Os flamengos supondo que os luso-brasileiros os atacariam na manhã seguinte naquela direção, cavaram trincheiras para o N e NE, durante toda a noite.

Barreto de Meneses, porém contornando os montes protegido pela escuridão, apresentou-se ao amanhecer pelo sul; o inimigo cuidou da nova frente; mas não sendo atacado até a tarde, decidiu regressar ao Recife, e quando abandonou as posições nos montes, foi atacado e decisivamente vencido pelos patriotas, que alcançaram brilhante vitória. (Os nossos 2 600 combatentes, contando apenas com a desmedida bravura e a divindade da causa, pagaram o preço de 45 mortos e 200 feridos, enquanto os 4 300 orgulhosos dólicos-louros flamengos e seus 400 índios aliados tiveram: a derrota completa, 955 mortos, entre estes o seu comandante, 4 tenentes coronéis, 4 majores, 35 capitães, 32 tenentes, 26 alferes e 49 sargentos, além de 90 prisioneiros e ricos despojos).

Primaram pela bravura, ainda, Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Fernandes Vieira, Dias Cardoso, Bandeira de Melo e outros: o grande chefe indígena Filipe Camarão estava ausente; vencido pelos velhos achaques agravados pelas vicissitudes da guerra, o glorioso patriota havia entregue a alma a Deus na sua estância de combate em maio de 1648...

A partir daí a situação se tornou dia a dia mais premente para o invasor que com a presença da esquadra portuguesa do almirante Pedro Jaques de Magalhães, perdeu também o domínio do mar, e foi levado à capitulação assinada a 26 de janeiro de 1654 na Campina do Taborda. Estavam restaurados Pernambuco e o Brasil ... E Matias Beck, com todos os seus, deixou apressado as plagas cearenses das quais se apossou o capitão Alvaro de Azevedo Barreto ...

"Reinós como Barreto de Meneses, ilhéus como Fernandes Vieira, mazombos como Vidal de Negreiros, índios como Filipe Camarão, negros como Henrique Dias, mamelucos, mulatos, curibocas, mestiços de todas as naturezas e de todas as regiões combateram unânimes pela liberdade divina."

"Operara-se uma solda entre todos os elementos étnicos; e estava plasmado o espírito nacionalista brasileiro..."

"As lutas contra os holandeses revelaram o Brasil a si mesmo; expulsos esses, os brasileiros deram corpo e alma ao Brasil."

Brotara e se consolidara, de fato a nacionalidade e a generosa, forte e brava alma da gente brasileira...

(Excerto da Conferência proferida pelo então Ten.-Cel. Raimundo Teles Pinheiro em 1955, para os oficiais candidatos à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército).